
Intervenções Urbanas: Rede Urbana de Arte de São Paulo (RUASP)- entrevista com Elza Cohen



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1229>

DOI: 10.4000/pontourbe.1229

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

«Intervenções Urbanas: Rede Urbana de Arte de São Paulo (RUASP)- entrevista com Elza Cohen», *Ponto Urbe* [Online], 1 | 2007, posto online no dia 17 julho 2014, consultado o 29 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1229> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1229>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Intervenções Urbanas: Rede Urbana de Arte de São Paulo (RUASP)- entrevista com Elza Cohen

NOTA DO AUTOR

Entrevista com Elza Cohen - por Rita Amaral

- 1 Os estudos contemporâneos de antropologia política têm mostrado o aumento da ação artística coletiva e das mobilizações sociais por meio da arte. A conexão das esferas da produção e do consumo, corroborada pela globalização econômica e pelas estratégias de organização e flexibilização do trabalho, ativou resistências mundiais como os “Dias de Ação Global” na década, de 1990. Protestos transnacionais, como o “Carnaval Contra o Capitalismo”, realizado em junho de 1999 nos centros financeiros de 40 cidades do mundo e, depois, os protestos realizados em Seattle contra a Organização Mundial do Comércio, entre muitas outras, apontaram novos caminhos para o ativismo político do século XXI, marcados pela expressão festiva e visualmente plástica.
- 2 Embora não sejam vistas como "arte", as manifestações políticas *pela via da arte* se expressam em criativas formas estéticas a respeito dos planos simbólico, social e político. Atualmente, é cada vez mais intensa a articulação entre as práticas festivas e artísticas de grupos urbanos e a ação política. As intervenções artísticas e performances nas cidades, marcadas por disjunções econômicas e sociais, têm sido associadas à tentativa de dar sentido ao "caos" urbano por meio de novos estilos de engajamento político, fazendo de artistas agentes políticos portadores da energia catártica capaz de ressignificar as experiências individuais e coletivas, integrando a vida urbana à transcendência da arte. Este processo se dá por meio da reinterpretação da “cidade subjetiva” que envolve tanto os níveis mais particulares do indivíduo quanto os sociais. A apropriação artística da cidade como obra coletiva intervém de maneira polissêmica na produção cultural, recobrando os espaços (físicos, sociais e políticos) por meio de

ações arrebatadoras, transitórias, poéticas e transgressoras, desafiantes ou jocosas, usando o espaço "frio" das ruas, denunciando problemas locais, nacionais e mundiais.

- 3 É neste contexto que se insere o evento RUASP (Rede Urbana de Arte em São Paulo), idealizado, produzido e promovido, anualmente, pela promotora cultural Elza Cohen, mineira criada no Rio de Janeiro e radicada em São Paulo, que tem como objetivo principal "resgatar a confiança da população em freqüentar eventos ao ar livre" e "ocupar espaços públicos, levando diversão e arte ao povo, gratuitamente, em praças e ruas de São Paulo". Elza Cohen concedeu entrevista¹ a Ponto Urbe sobre a RUASP:

- 4 **Ponto Urbe** - Como surgiu o RUASP?

- 5 **ELZA COHEN:** O RUASP é uma dedicação minha de amor a São Paulo, uma cidade cosmopolita, que brilha dia e noite, que tem uma diversidade cultural absurda, uma cidade veloz, cheia de pressão, de personalidade e de possibilidades.. E como eu amo andar pelas ruas dessa cidade, fotografando e observando tudo com os olhos de quem acabou de chegar e está encantado, percebi também a falta de eventos mais informais pros novos artistas se manifestarem e interagirem uns com os outros e com o público, misturar as diferenças num só espaço...



- 6 **Ponto Urbe** - Qual a proposta final, ou objetivo, deste "evento"?

- 7 **ELZA COHEN:** O principal objetivo é atender as pessoas que procuram eventos gratuitos de música e arte e que têm vontade de freqüentar ambientes abertos e livres. Jovens e adultos, famílias, formadores de opinião, artistas, skatistas, intelectuais, jornalistas, transeuntes etc, numa reunião que expresse a enorme diversidade popular da capital paulistana. E a proposta final é preencher as lacunas dos espaços públicos, estimulando a interação coletiva com a autenticidade cultural, sem os tradicionais mimetismos aos quais estamos submetidos. A criação de uma rede urbana de artes na capital paulistana pode construir um novo *modus vivendi* na cidade.



- 8 **Ponto Urbe** - Quem são os responsáveis e que apoios tem?
- 9 **ELZA COHEN:** O RUASP é uma idealização minha; eu mesma produzo, faço captação e a curadoria artística toda, portanto sou a maior responsável, mas sempre conto com uma equipe de colaboradores para realizar o evento. E sobre apoios, na primeira edição eu contei com o apoio do Governo do Estado de São Paulo e do Deputado Turco Loco "Alberto Hiar" E para a próxima edição ainda estou na fase de reuniões tanto para agendar a data e para captação com alguns órgãos do governo do estado e com empresas particulares.
- 10 **Ponto Urbe** - Quem participa?
- 11 **ELZA COHEN:** Artistas de diversas expressões da arte urbana, da música até as artes visuais, esportes, dentre outras manifestações culturais. Unindo o novo e o tradicional, reprocessando tudo.
- 12 **Ponto Urbe** - Por que a Rua?

ELZA COHEN: Porque a rua é um lugar democrático.



- 13 **Ponto Urbe** - A partir dos anos de 1980, muitos grupos optaram pela arte como modo de ação social e de desenvolvimento da cidadania. Essa proposta visava incluir socialmente a parcela da população urbana radicalmente excluída do acesso ao pensamento artístico e dimensões sensíveis da humanidade. Você observa, de algum modo, as mudanças efetuadas por estas ações? As cidades se sensibilizaram?
- 14 **ELZA COHEN:** Sim, com certeza! Temos exemplos reais de surgimento de tantas organizações não-governamentais voltadas pras artes e pra educação....Exemplos: Casa do Hip Hop (SP) Afrorregae (RJ) Nós do Morro (RJ), Nós do Cinema (RJ) , Rosas de Ouro (SP) com o projeto que ajuda crianças e adolescentes em situação de risco e ações pessoais dos próprios artistas como Marcelo Yuca (ex O Rappa e atual F.U.R.T.O), Nelson Triunfo (SP), os grupos Contrafluxo e Slim Rimografia (todos eles trabalham em ongs dando aulas) pra citar só alguns....



- 15 **Ponto Urbe** - Como contrapor arte a violência, não apenas violência física, mas, principalmente, a violência cotidiana da falta de recursos, de ar puro, escolas, respeito? Por que "arte na rua" em vez de "trabalho na rua" ou "polícia na rua"?
- 16 **ELZA COHEN:** A arte na rua não deixa de ser uma forma de trabalho na rua para os artistas e a arte na rua impõe o respeito até de quem tá mal intencionado. Raramente se tem notícia de assaltos ou qualquer tipo de violência física em eventos culturais na Rua. A arte amolece o coração das pessoas. Na arte todos se reconhecem de alguma forma e a respeitam como uma coisa sagrada. E a polícia na rua, que seria para proteger o cidadão, muitas vezes vem para repreender apenas. Acho que a polícia que trabalha nas ruas deveria ser mais qualificada e mais educada para lidar com material humano. Como diria "Mahatma Gandhi", "a única revolução possível é dentro de nós."
- 17 **Ponto Urbe** - Numa cidade como São Paulo, onde as pessoas passam correndo pelos espaços e mal vêem o que lhes cerca, como podemos pensar e ocupar o espaço da rua?
- 18 **ELZA COHEN:** O primeiro passo é re-educar as pessoas a olharem com novos olhos pras ruas, porque elas mesmas não estão acostumadas a ver esse tipo de lazer. Então, o subconsciente delas está programado pra sair do trabalho e ir correndo pra casa, pra faculdade ou para algum lugar fechado, protegido....
- 19 **Ponto Urbe** - Grafiteiros e pichadores são, freqüentemente, acusados de "sujarem" a cidade e vandalizarem monumentos. No caso dos grafiteiros, muita gente diz que eles deveriam usar telas em vez de muros. No caso dos pichadores, que deveriam ser presos. O que você pensa disso?
- 20 **ELZA COHEN:** Grafiteiros transformam os muros de concretos em mais humanos com sua arte. Para mim eles trazem uma nova paisagem contrapondo a falta de natureza real para se ver e sentir. Tornam a "concrete jungle" mais colorida e alegre, transformando o morto concreto cinza em vida e arte. Telas em galerias e grafites nos muros, sim! No caso dos pichadores, é também uma forma de expressão urbana de protesto; uma forma de articulação social. A transgressão explica um pouco isso. A única coisa que me incomoda é a falta de respeito com o patrimônio público, que é para o

benefício de todos nós. Acho que ao invés de serem presos é preciso buscar entendê-los e saber quais são suas reais reivindicações através de sua pixação....

- 21 **Ponto Urbe** - Quando você propõe que a arte vá às ruas, isso significa reivindicar o direito à cidade como obra do cidadão?
- 22 **ELZA COHEN:** Exatamente. Porque uma coisa que eu observo muito é que o governo e prefeitura de São Paulo investem muito em praças bonitas, com jardinagens, plaquinhas com sinalização "não pise no jardim" etc etc., mas esquecem de pôr um banquinho pro cidadão sentar e contemplar a cidade; esquecem de pôr um palquinho pra pequenas apresentações, um banheiro público, lixeiras , etc etc...



- 23 **Ponto Urbe** - Como as diferentes artes se encontram na rua? A rua é cenário ou também atriz quando pensamos na cidade?
- 24 **ELZA COHEN:** Na rua tudo interage mais naturalmente; até mesmo as diferenças são amenizadas. A rua é cenário e atriz ao mesmo tempo.
- 25 **Ponto Urbe** - Uma cidade barulhenta como São Paulo, pode ter, como na Europa, música e músicos na rua?
- 26 **ELZA COHEN:** Claro, desde que respeitamos as normas dos horários de silêncio.
- 27 **Ponto Urbe** - Vocês se preocuparam em saber como a vizinhança dos locais dos eventos recebe e percebe o acontecimento? E o público, como reage?
- 28 **ELZA COHEN:** Sim, claro! Isso é muito importante: acrescentar benefícios à vizinhança e não trazer problemas. Normalmente eu procuro locais mais distantes de áreas residenciais, justamente para não correr o risco de possíveis reclamações de barulho, antes de "fechar" o local. Faço todo um estudo. Passo várias vezes no local para entender o perfil do público que transita por ali, penso na segurança do local, no estacionamento, facilidade de acesso, etc etc..
- 29 **Ponto Urbe** - Como você avalia os resultados do RUASP?
- ELZA COHEN:** Os resultados foram ótimos! Nenhuma violência registrada; tudo aconteceu na maior harmonia, mesmo o evento tendo sido realizado na praça Cívica Ulisses Guimarães, no Parque Dom Pedro, que é um lugar meio abandonado e habitado

por moradores de rua. Os próprios moradores de rua interagiram com o evento e, inclusive, um deles subiu ao palco durante o show do MC Marechal (RJ) para reclamar de sua condição de vida de indigente. O público o escutou com atenção, se emocionou e aplaudiu. Mas senti falta de maior apoio dos órgãos de segurança do Estado, como da Guarda Municipal, e de policiamento da Polícia Civil, das quais solicitamos e foi confirmado o apoio. A sorte é que não teve nenhuma manifestação de violência no dia do evento e tínhamos bastantes seguranças particulares contratados para dar segurança ao público. O evento começou ao meio-dia e foi até as 24hs com uma média de público rotativo de mais de 8 mil pessoas. Ali eu pude ver que é possível, através da música e da arte na rua, juntar classes sociais e culturas diferentes e todos conviverem pacificamente e ainda trocarem suas experiências e idéias.



- 30 **Ponto Urbe** - Quais os seus projetos futuros em relação a "dar sentido à rua"?
- 31 **ELZA COHEN:** Os meus projetos futuros serão, através do próprio R.U.A.S.P, educar o público a frequentar mais as ruas, praças e a contemplar mais a cidade. Preserva-la como se fosse o seu bem. Para o seu próprio bem... Levar cada vez mais diversidade de estilos de arte e musica para se apresentar na rua de graça para o publico.

NOTAS

1. Entrevista concedida a Rita Amaral em janeiro de 2007.